

Nietzsche e as críticas à moral altruísta de Herbert Spencer

Kelly de Fátima Castilho¹

RESUMO: Em sua obra *The Data of Ethics* [Os Dados da Ética] de 1879, Herbert Spencer aponta uma relação direta entre o desenvolvimento da vida social e individual e o aumento das assim chamadas “ações altruístas”. Segundo suas análises, um organismo e uma sociedade caminham em direção ao progresso e quanto mais avançam na direção da “perfeição” tornam-se mais “altruístas” se tornam. O mesmo pode ser dito das comunidades e das instituições sociais diversas. O altruísmo, segundo Spencer, acompanhará o progresso da humanidade e no futuro tornar-se-á um prazer a tal ponto que “o bem-estar pessoal dependerá da devida consideração pelo bem-estar dos outros” (SPENCER, 1888/2008, p.205). Nietzsche, que criticou duramente a moral altruísta de sua época, viu a doutrina de Spencer como uma espécie de repetição da moral judaico-cristã em termos científicos. O filósofo inglês teria sido incapaz de questionar o “valor dos valores” e de colocar a própria moral como problema. Ao utilizar-se das noções de vida e de progresso, Spencer pretendeu fundamentar um determinado tipo de moral, que Nietzsche chamou de a “moral escrava”. Nosso objetivo nesse artigo é apontar as principais críticas de Nietzsche a Spencer e os motivos que levaram o filósofo alemão considerá-lo um representante da “decadência” e da “mediocrização” do espírito europeu.

PALAVRAS-CHAVE: Altruísmo. Vida. Moral. Spencer. Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Podemos encontrar várias referências diretas e indiretas à Spencer ao longo da obra de Nietzsche: em alguns aforismos ele aparece como medíocre (BM/ 253); niilista (GM/GM I, §12); e, decadente (CI/FW *Incursões de um extemporâneo* § 37). Essas passagens apontam o tom crítico com o qual o filósofo alemão se dirigiu ao pensador inglês, mas também a relevância que lhe atribuía. Gregory Moore (MOORE, 2002) acredita que é para se contrapor às ideias contidas na obra *The Data of Ethics* [Os Dados da Ética] 1979, que Nietzsche desenvolve uma filosofia não apenas “anti-darwiniana” mas também “anti-spenceriana”. Veremos que embora a obra nietzschiana dialogue com algumas concepções de Spencer, as divergências entre eles apontam muito mais para a incompatibilidade entre suas filosofias do que para a conciliação, especialmente no que toca ao altruísmo². O nosso objetivo nesse texto é destacar as críticas de Nietzsche à moral altruísta defendida por Spencer, indicando os motivos que o levaram a atacar de forma virulenta tais concepções.

1 Doutoranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE e Professora de Filosofia no Instituto Federal Farroupilha-IFFAR. E-mail: kellyfcastilho2@hotmail.com.

2 Depois de ler a obra *The Data of Ethics* de Spencer Nietzsche teria passado a utilizar o termo *Altruism* (altruísmo) no lugar de *Unegoistische* (“não-egoísmo”). Isso indicaria que a leitura da obra de Spencer afetou de algum modo o desenvolvimento das ideias de Nietzsche. Cf. (SMALL, R. 2005, p. 169-1711).

1 SPENCER: VIDA E MORAL

A moral, para Spencer, é constitutiva da natureza humana e resulta da adaptação das condições e relações internas de um organismo às condições e relações externas. Ser moral, portanto, é estar interiormente “ajustado” ao que se passa no mundo exterior. Quanto mais evoluído³ for um organismo mais coerentes e morais serão os seus atos. Associando moral com evolução⁴ ele defende:

A verdade de que o homem idealmente moral é aquele em quem o equilíbrio móvel é perfeito, ou se aproxima mais da perfeição, torna-se, quando traduzido em linguagem fisiológica, aquele em quem as funções de todos os tipos são devidamente cumpridas. Cada função tem alguma relação, direta ou indireta, com as necessidades da vida, pois sua existência é resultado da evolução, prova de que foi acarretada, imediata ou remotamente, pelo ajuste das ações internas às ações externas. (SPENCER, 1888/2008, p.75)

Segundo Spencer, o fim último de toda conduta é o prolongamento e o aumento da vida, a preservação do organismo individual e da espécie a que ele pertence. O conceito “bom”, nesse caso, está ligado à utilidade que uma ação tem de promover e conservar a vida, e estes atos estão sempre relacionados com o prazer. O conceito “mau”, por outro lado, é aquilo que se mostra nocivo à vida, podendo destruí-la, e está sempre ligado à dor. Na moral de Spencer, portanto, as ações são classificadas como “boas” ou “más” dependendo do quanto estejam alinhadas aos fins da preservação: os atos prazerosos são os mesmos que conservam a vida, ao passo que os atos dolorosos se associam com a perda desta⁵.

Concebendo a moral enquanto o “ajuste” dos atos direcionados a determinados fins e vendo a busca do prazer e a fuga da dor como o grande motivador das ações humanas, podemos perguntar, de que modo Spencer pretende que as “ações altruístas”, que exigem abnegação e sacrifício, sejam abundantes numa sociedade evoluída? Para ele, o organismo não busca instintivamente e naturalmente apenas o prazer, ele também reconhece que os atos

3 Em sua obra *Do Progresso - Sua Lei e Sua Causa*, Spencer afirma que “o progresso orgânico consiste na passagem do homogêneo para o heterogêneo” e que a mesma lei se aplica a todo tipo de progresso: “quer se trate das transformações da terra, do desenvolvimento da vida à sua superfície ou do desenvolvimento das instituições políticas, da indústria, do comércio, da língua, da literatura, da ciência, da arte” dá-se sempre a mesma evolução do simples para o complexo, mediante sucessivas diferenciações (SPENCER, 2002, p. 15).

4 Um dos traços da evolução para Spencer era o aumento da coerência. Os homens passariam gradativamente ao aumento dos atos coerentes, atos que se ligavam ao passado e ao futuro e serviam para organizar a vida. Cf. SPENCER, 1888/2008, p.65/66.

5 Cf. SPENCER, 1888/2008: “é demonstrável que existe uma conexão primordial entre atos prazerosos e a continuidade ou aumento da vida e, por implicação, entre atos dolorosos e diminuição ou perda da vida” (SPENCER, 1888/2008, p. 82).

de “autossacrifícios” são essenciais à preservação de si e da espécie e, com isso, renuncia de “bom grado” à busca egoísta de prazer para pensar de modo altruísta, na coletividade⁶.

As ações altruístas, segundo ele, que num primeiro momento se restringiam ao âmbito parental/familiar, vão aos poucos sendo ampliadas para o social e, se antes o sacrifício era físico e inconsciente, agora passa a ser cada vez mais consciente e social. Para Spencer, essa transição ocorre de forma natural e “ao longo dos últimos estágios do progresso” as chamadas “satisfações egoístas” encontrarão sua realização naquelas ações que envolvem a satisfação dos outros. O altruísmo, nessa sociedade desenvolvida, tornar-se-á um prazer a tal ponto que “o bem-estar pessoal depende da devida consideração pelo bem-estar dos outros” (SPENCER, 1888/2008, p.205).

Uma vez que as nossas ações são moldadas para obtenção do prazer e para a fuga da dor, o filósofo inglês previa que, quando a sociedade atingir estágios mais avançados de desenvolvimento, a oposição entre egoísmo e altruísmo desaparecerá, visto que a busca de prazer individual/egoísta também trará prazer a todos os membros do grupo. As ações altruístas, nesse caso, causarão prazer em quem as pratica e em quem delas se beneficia, de modo que a prática constante dessas ações ampliará consideravelmente a felicidade de todo o grupo⁷ e a própria simpatia⁸

A simpatia pode aumentar na presença dos prazeres que veem da apatidão. (...) O crescimento da simpatia, conforme as condições permitem, ajuda a diminuir a dor e aumentar o prazer, e o maior excedente de prazer que daí resulta torna possível um maior crescimento de simpatia. (SPENCER, 1888/2008, p. 246)

6 Cf. SPENCER, 1888/2008, § 75 e 76. Spencer fala de dois tipos de altruísmo: o físico, que ele considera mais baixo e é exemplificado pelos pais que sacrificam partes do seu corpo pela prole; e, o “altruísmo consciente”, que ele considera mais elevado e consiste no prazer em beneficiar os outros. Ambos “os sacrifícios são”, diz ele, “da mesma natureza essencial” e, assim como o “altruísmo físico”, tornar-se-á cada vez mais consciente, no âmbito da própria família, o altruísmo parental progredirá para um altruísmo social. (SPENCER, 1888)

7 As ações altruístas, enquanto proporcionadoras de prazer e promotoras da vida, serão igualmente reforçadas pela sociedade a fim de que se tornem hábitos.

8 Proveniente do termo grego “symphatheia= sim=com, e pahos=paixão; afecção, simpatia por vezes foi definida como compaixão e também como piedade. Foi Aristóteles o primeiro filósofo a fazer uso do termo “simpatia”. Ao se referir à amizade, o filósofo grego afirma que a amizade é uma espécie de “simpatia” ou afinidade que as pessoas sentem entre si. Pessoas semelhantes são amigas: “igual com igual”, diz ele, e “cada ovelha com sua parrelha”. (ARISTÓTELES, VIII, I, 1155 b). Para os Estóicos, a simpatia universal é a razão que domina e une o cosmos. Adam Smith, no século XVIII concebe a empatia como uma inclinação natural e instintiva que nos leva a conformarmos-nos com os sentimentos daqueles que nos cercam. Segundo ele, uma vez que somos seres sociáveis a simpatia é uma das principais e primeiras necessidades do homem. Em sua obra Adam Smith analisa o significado do conceito simpatia e afirma: “ainda que o termo simpatia tivesse, originalmente, o mesmo sentido de ‘piedade’ e de ‘compaixão’ pode-se agora empregá-lo para exprimir a faculdade de participação das paixões dos outros, sejam quais forem” (SMITH, A. Teoria dos Sentimentos Morais, L. I. Cap. II). Scheler definiu a simpatia como uma espécie de participação voluntária na alegria ou na tristeza de outro. Acreditamos que é neste último sentido que Spencer utiliza esse termo.

O filósofo inglês prevê que com o processo de evolução as ações egoístas vão diminuir e as ações altruístas aumentar, até que num estágio ainda mais evoluído essa oposição deixará de existir. A sociedade moldará a natureza humana para buscar o prazer dos atos altruístas e isso trará vantagens tanto para a vida individual como para a vida social. “As gratificações altruístas”, segundo ele, não serão mais motivadas pelo egoísmo, pois o foco estará no prazer “dado” ao outro e não no prazer obtido daí. “No verdadeiramente simpático/solidário”, diz ele, “a atenção, está tão absolvida com a felicidade dos outros” (SPENCER, 1888/2008, p. 246) que não sobra espaço para pensar egoisticamente na felicidade própria.

Para Spencer, o ápice do desenvolvimento de uma sociedade será a prática moderada das ações altruístas. Os membros dessa sociedade serão tão solidários com a felicidade e prazer uns dos outros, que permitirão a satisfação coletiva na prática do altruísmo. Ou seja, todos terão a oportunidade de fazer ações altruístas e, se preciso for, abdicarão desse prazer, para dar a vez ao próximo, o que aponta para um altíssimo grau de simpatia dessa sociedade. “Em sua forma última, o altruísmo será a obtenção de satisfação através de *sympathy* [simpatia] com a satisfação de outros” (SPENCER, 1888/2008, p. 246).

Com aumento da simpatia e com a possibilidade de participar da crescente felicidade uns dos outros, os homens verão dissolver-se, na sociedade do futuro, “aquela oposição aparentemente permanente entre egoísmo e altruísmo.” (SPENCER, 1888/2008, p.255). Além do mais, as ações altruístas serão tão abundantes que os homens, uma vez mais, terão a oportunidade de expressar seu altruísmo ao abrir mão da prática daquelas ações para que os outros também possam praticá-las e obter daí satisfação.

Do exposto até aqui, podemos constatar o “otimismo” de Spencer com relação ao futuro e a prática das “ações altruístas”. Durante todo o percurso da obra *The Data of Ethics*, podemos constatar o esforço do filósofo inglês em comprovar a importância e o papel do altruísmo no desenvolvimento do homem e das sociedades. Para ele, o altruísmo representava o ápice do desenvolvimento humano e social, o ponto mais alto do progresso: momento em que a felicidade individual se fundiria com a felicidade geral e o homem teria seu interior completamente “ajustado” ao exterior.

Aos olhos de Spencer, esse processo de “adaptação da humanidade ao estado social” traria como consequência necessária “o homem último”: “aquele em quem esse processo foi tão longe a ponto de produzir uma correspondência entre todos os impulsos de sua natureza e todos os requisitos de sua vida conforme realizada em sociedade.” (SPENCER, 1888/2008, p.275). Nesse ponto do desenvolvimento humano e social desapareceria o conflito entre indivíduo e sociedade, egoísmo e altruísmo, exigências internas e externas, moral e natureza e surgiria aí aquilo que Spencer chamou de uma “Ética Absoluta”.

Enquanto uma Ética Absoluta⁹, que trata da “conduta perfeita” ainda não for atingida, é necessário, segundo Spencer, que a “Ética Relativa¹⁰”, que trata da “conduta imperfeita”, force o homem a aproximar-se desse ideal. Os preceitos da Ética Absoluta, diz ele, serão “como um sistema de conduta ideal e deve servir como um padrão para nossa orientação na solução, da melhor maneira possível, dos problemas da conduta real” (SPENCER 1888/2008, p. 275). Se o objetivo inicial do pensador inglês era superar os preceitos metafísicos e transcendentais que envolviam a moral, com sua noção de uma Ética Absoluta, enquanto ideal de conduta, ele retorna aos preceitos criticados e mantém a ideia de um absoluto incondicionado. Pois, falar de uma Ética Absoluta é pressupor valores e princípios incondicionais a partir dos quais o homem se guiará quando o ponto máximo do progresso for atingido. Veremos a seguir como Nietzsche interpretou esse “ideal altruísta” de Spencer e sua inserção na tradição moral.

2 NIETZSCHE E AS CRÍTICAS A SPENCER

Podemos encontrar o tom crítico e até hostil dirigido a Spencer em várias passagens da obra nietzschiana. Classificando-o ora como “ingênuo”, “pedante”, ora como “decadente” Nietzsche rechaça algumas das principais ideias desenvolvidas pelo pensador inglês. O que nos interessa aqui é apontar as críticas nietzschianas à “moral altruísta” e àquelas ideias que lhes servem de base, tais como a noção de vida, moral como utilidade e progresso.

Na *Primeira Dissertação da Genealogia da Moral*, §12, Nietzsche afirma que não é a “adaptação”, mas a vontade de potência que define a vida. Vida, portanto, é a tendência ou o movimento em direção ao aumento de potência e não, como queria Spencer, “uma adaptação interna, cada vez mais apropriada, a circunstâncias externas” (GM/GM, I, 12). E do mesmo modo que a vida não se define como adaptação, falar de um homem “adaptado” à sociedade, é, para Nietzsche, falar de um homem “adoecido¹¹” e “domesticado”, guiado pelo “espírito de rebanho”.

A prática das “ações altruístas” que, segundo uma moral utilitarista, devem ser reforçadas e valorizadas socialmente e que Spencer considera um ideal da sociedade do futuro, representa para Nietzsche uma moral doentia e o resultado da degeneração dos instintos. O filósofo alemão via na exigência de “ações altruístas” não o progresso, mas a manifestação da fraqueza e de uma vida decadente.

Se o filósofo inglês previa estágios de desenvolvimento social nos quais a moral altruísta representaria o auge e o coroamento do progresso, Nietzsche, parece indicar justamente o contrário no aforismo 37 de *Crepúsculo dos Ídolos, Incursões de Extemporâneo*. Ao questionar

9 A Ética Absoluta será atingida quando o homem cumprir os preceitos éticos de forma orgânica, sem nenhum esforço ou constrangimento. A própria noção de “dever”, que era necessária em estágios menos avançados, desaparece por completo aqui, porque para Spencer: “o senso do dever ou da obrigação moral é transitório e diminuirá à medida que a moralização aumentar” (SPENCER, 1888/2008, p.127)

10 A Ética Relativa trata da conduta imperfeita e deve atuar no sentido de nos direcionar à conduta perfeita, objeto de uma Ética Absoluta.

11 Adoecido inclusive do ponto de vista fisiológico, pois estaria com os impulsos mal hierarquizados.

“se realmente nos tornamos mais morais”, o filósofo constata que, se comparados aos homens do Renascimento, seríamos motivo de riso e a nossa “moral da ‘humanização’” e nossas “virtudes modernas”, das quais tanto nos orgulhamos, não teriam nenhum valor numa época mais forte e exuberante. Nossa moral, portanto, não representa nenhum “progresso” com relação a outros tempos, mas, ao contrário, ela é a expressão da “diminuição geral da vitalidade” e de uma “outra constituição, mais tardia, mais fraca, delicada, suscetível”. (GD/CI, *Incursões de extemporâneo*, § 37).

Spencer, que via “o triunfo do altruísmo como algo desejável” (GD/CI, *Incursões de extemporâneo*, § 37) e o desenvolvimento da simpatia como uma forma de compreender e sentir com os outros, é um dos principais representantes daquilo que Nietzsche denominou “movimento de *décadence*”¹² na moral”, que, embora se apresente de forma científica, é apenas a continuidade da moral cristã.

Esse movimento que buscou se apresentar cientificamente com a *moral da compaixão*, de Schopenhauer — tentativa bastante infeliz! —, é o verdadeiro movimento de *décadence* na moral, e, como tal, tem profunda afinidade com a moral cristã (GD/CI, *Incursões de extemporâneo*, 37).

Nietzsche não poderia concordar com uma noção de “melhoramento” do homem ou da sociedade tal como pressupunha Spencer, muito menos que o altruísmo constituiria o ápice de tal desenvolvimento humano e social. Para ele, ao contrário, a moral do altruísmo representa um “retrocesso para a humanidade”, pois em “épocas fortes as culturas *nobres* veem como algo desprezível a compaixão, o ‘amor ao próximo’, a falta de amor-próprio e de si próprio” (GD/CI, *Incursões de extemporâneo*, 37).

A moral altruísta, aos olhos de Nietzsche, teria tomado como ideal “a vida declinante”, do mesmo modo que a sociologia da Inglaterra e da França¹³ teriam partido de “formas *decaídas* de sociedade”. Mas, o que significa exatamente essa crítica que o filósofo dirige à moral altruísta? Num primeiro momento, é preciso considerar que nas obras de maturidade, como é caso da *Genealogia da Moral* (1887) e o *Crepúsculo dos Ídolos* (1888) citados aqui,

12 É lendo a obra *Essais de psychologie contemporaine* (1883) de Paul Bourget que Nietzsche se depara com esse termo e passa a utilizá-lo a partir de *O caso Wagner*. Podemos encontrá-lo em obras como: *Crepúsculo dos Ídolos*, *O Anticristo*, *Ecce Homo* e fragmentos póstumos a partir de 1887. Em Nietzsche, *décadence* significa “desagregação dos instintos”. Ela ocorre quando os instintos, incapazes de crescimento e aumento de potência, passam a escolher aquilo que lhe é prejudicial ou ruim para seu crescimento. É quando falta um impulso dominante capaz de hierarquizar e organizar seu conjunto. Ligada à vontade de potência, a *décadence* é um processo mórbido que marca o esgotamento e a degeneração de uma organização pulsional. Nietzsche identificou esse processo acontecendo por toda parte: no socratismo, na metafísica, no cristianismo, no platonismo, no niilismo e nos ideais ascéticos. “Todos eles são artifícios ou máscaras para dissimular a náusea em relação ao mundo, a negação da vida enquanto fluxo contínuo de mudança” (FREZZATTI, W, 2016, p. 179-180).

13 Certamente Nietzsche está se referindo a Spencer e os utilitaristas na Inglaterra, assim como Fouillée e Guyau na França, os quais foram lidos e criticados por Nietzsche.

Nietzsche passará a analisar a moral desde uma perspectiva fisiopsicológica¹⁴. A fisiopsicologia, entendida como “morfologia da vontade de potência” (JGB/BM/ 23) é o que serve de base para Nietzsche analisar os valores humanos e as diferentes formas de avaliações morais. É neste contexto que ele questiona se uma determinada moral seria proveniente da saúde ou da doença, da força ou da fraqueza, porque atrás de cada avaliação moral há um conjunto de forças e impulsos em luta permanente¹⁵.

Essa organização dos impulsos, por sua vez, não pressupõe unidades, a não ser momentâneas: pois ora esse, ora aquele impulso sai vencedor e domina os demais, promovendo arranjos temporários de forças. Saudável é o conjunto de impulsos bem hierarquizado, potente; doente é o conjunto de impulsos mal hierarquizado, enfraquecido, desorganizado¹⁶.

Com base nessas ideias é que Nietzsche classifica Spencer e suas concepções como *dé-cadents*. O filósofo inglês teria concebido vida como “adaptação”, mas com isto, diz Nietzsche: “desconhece a essência da vida, a sua vontade de potência; com isso não se percebe a primazia fundamental das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas” (GM/GM, I, 12). Vida, para Nietzsche, não é adaptação¹⁷, mas a tendência ao crescimento e aumento da potência: “onde encontrei vida, encontrei vontade de potência” disse Zaratustra” (ZA, ZA, II, *Da superação de si*). A moral, por conseguinte, não é aquilo que direciona o homem à conservação de si e da espécie, mas é um sintoma de um determinado tipo fisiológico, é o resultado de um conjunto de impulsos, que pode expressar tanto a saúde como a doença de quem os estabelece.

Contrariando Spencer, Nietzsche não vê a vida, a moral e a sociedade desde o ponto de vista do “melhoramento” ou do “progresso”. Tampouco pode admitir que a predominância das ações altruístas sobre as egoístas seja um ideal almejável. Todo o esforço de Spencer em tentar “comprovar” uma moral altruísta no âmago da vida e ao mesmo tempo útil para a

14 Segundo Frezzatti, o filósofo utiliza o termo “fisiologia” quando quer se referir a vontade de potência como luta dos impulsos entre si por mais potência. “Nietzsche passa a considerar fisiológico não apenas corpos vivos, mas também o âmbito inorgânico e o âmbito das produções humanas, tais como Estado, religião, arte, filosofia, ciência”. Cf. FREZZATTI, W. Verbete: “fisiologia” In: GEN. Dicionário Nietzsche, 2016, p. 236/237.

15 Ao final da Primeira Dissertação da *Genealogia da Moral*, em nota Nietzsche enfatiza a importância dos estudos fisiológicos, que relacionam filosofia, fisiologia e medicina. Segundo ele, “toda tábua de valor, todo ‘tu deves’ conhecido na história ou na pesquisa etnológica, necessita primeiro uma clarificação e interpretação fisiológica, ainda mais que psicológica; e cada uma delas aguarda uma crítica por parte da ciência médica” (GM/GM, I, NOTA final).

16 A fisiologia, no contexto da vontade de potência, não se restringe ao biológico, “mas ainda se refere a um organismo ou uma organização” enquanto conjunto de forças e impulsos, enquanto configuração fisiológica. Cf. (FREZZATTI, W. Verbete “fisiologia” In: GEN Dicionário Nietzsche, 2016, p. 237).

17 Conceber a vida como “adaptação” é, para Nietzsche, prova de que a “idiosincrasia democrática” penetrou até mesmo as “mais rigorosas e aparentemente mais objetivas ciências” (GM/GM, I, 12).

conservação da espécie é visto por Nietzsche como sintoma de declínio e como tentativa de fundamentar *uma* moral: a moral escrava¹⁸.

Ao se referir aos eruditos do seu tempo, dentre os quais encontramos Spencer, Nietzsche os denomina “classe média” do espírito, “pesquisadores” destituídos de visão e de coragem para as grandes questões¹⁹, eles representariam apenas a necessidade de “antecipação e desejo de que as coisas sejam assim e assim” (FW/GC, *Nós, os impávidos*, §373). Mesmo nas supostas “ciências mais objetivas”, segundo Nietzsche, o que se pretende é defender um preconceito, prová-lo e apresentar as razões para continuarmos crendo nele. É assim que o filósofo imoralista vê a teoria “do pedante inglês Herbert Spencer” e seu desejo de “traçar uma linha para a esperança, um horizonte de desejabilidade, a conciliação final de ‘egoísmo e altruísmo’”. (FW/GC, *Nós, os impávidos*, § 373). Isso representaria não o progresso ou o “melhoramento” do homem, mas o contrário disso, pois “uma humanidade com tais perspectivas spencerianas”, diz Nietzsche, “nos pareceria digna de desprezo, de aniquilação!” (FW/GC, *Nós, os impávidos*, § 373).

CONCLUSÃO

A filosofia de Spencer e a sua necessidade de “comprovar cientificamente” uma moral altruísta no âmago da vida e da natureza, era vista por Nietzsche como uma tentativa de acreditar na existência de um mundo “que deve ter equivalência e medida no pensamento humano, em humanos conceitos de valor” (FW/GC, *Nós, os impávidos*, § 373). Spencer, assim como outros cientistas naturais e materialistas, teriam transferido para o mundo o seu mais “íntimo desejo”, o de ver comprovada na natureza e na própria essência da vida os valores da moral altruísta. Esses pensadores atribuíram ao “ser” um “dever-ser” e viram no mundo uma ordem moral.

Nietzsche identificou em Spencer e nos utilitaristas a defesa de uma moral e de um modo de criar e erigir valores. Esses moralistas, segundo ele, não teriam ultrapassado a “moral escrava” e com suas doutrinas teriam reforçado os valores provenientes da fraqueza e do declínio. Os utilitaristas não apenas buscaram a gênese dos valores de “bem” e “mal” no lugar errado, mas, também ajudaram a propagar a “moral de rebanho”. Aqueles valores que Spencer via como preservadores da vida, tais como a simpatia e o altruísmo, preservavam apenas um tipo de vida: a vida decadente e a fraqueza.

18 Nietzsche analisa a história da moral e identifica duas distintas maneiras de avaliar: uma, proveniente da aristocracia, atribuiu a si mesma o valor “bom”, com base em suas qualidades, seus feitos e características distintivas. A outra, proveniente dos escravos, atribuiu o valor “mau” aos que dela se distinguiam e, por conseguinte, o valor “bom” a si próprio. O filósofo chamou a primeira forma de avaliação, de “moral dos senhores” e a segunda de “moral dos escravos”. Enquanto a primeira olha para si e se define com o conceito “bom”, a segunda olha para fora de si e, somente por oposição aos ditos “maus”, é que consegue se definir como “bons”. A moral escrava, para Nietzsche, foi quem instituiu a oposição de valores: atribuindo a um dos polos um valor positivo (bom = não-egoísta) e ao outro, um valor negativo (mau = egoísta). “É somente com um declínio dos juízos de valor aristocráticos que essa oposição ‘egoísta’ e ‘não egoísta’ se impõe mais e mais à consciência humana” (GM/GM I, 2).

19 As grandes questões às quais Nietzsche se refere aqui, são aquelas relativas ao “valor dos valores”.

REFERÊNCIAS

- FREZZATTI, W. Verbete "Décadence". In: GEN. Dicionário Nietzsche. São Paulo: Loyola, 2016. p. 179-180.
- FREZZATTI, W. Verbete "fisiologia" In: GEN. Dicionário Nietzsche, 2016, p. 236/237.
- NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. Trad. Mário Silva, 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos Ídolos. Trad. Marco A. Casa Nova. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2000.
- NIETZSCHE, F. Humano demasiado Humano, um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 2005.
- NIETZSCHE, F. Genealogia da Moral uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 2009.
- NIETZSCHE, F. Gaia Ciência. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. São Paulo, 2005.
- NIETZSCHE, F. Aurora. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia de Bolso, 2004.
- SMALL, R. Nietzsche and Rée: A Star Friendship, Oxford University Press, (Oxford), pp. 169-171.
- SPENCER, H. The Data of Ethics. Appeton & CO, New York. 1888/2008.
- MOORE (2002), Nietzsche, Biology and Metaphor, Cambridge University Press, 2002.